



O PINTAROLAS



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO JOÃO DE DEUS

Estudantes da Licenciatura em Educação Básica

VII
HISTÓRIA COLETIVA

FICHA TÉCNICA

Título	<i>O Pintarolas</i> (História Coletiva)
Autoria	Estudantes finalistas da Licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação João de Deus Ano Letivo 2025/2026 Adriana Sanda, Adriana Teixeira, Ana Beatriz Santos, Ana Catarina Leonor, Ana Margarida Teixoeira, Beatriz Gil, Bruna Rezende, Bruno Forte, Carlota Duarte, Carolina Rodrigues, Elisa Martins, Elisa Freire, Filipa Ramos, Inês Vantacich, Inês Palma, Inês Sousa e Silva, Joana Sarmento, Joana Ribeiro, Joana Lopes, Joana Coutinho, João Guerreiro, Maria Francisca Carmo, Maria Almeida, Maria Leonor Cunha, Maria Teotónio Pereira, Mariana Dias, Mariana Pereira, Marta Tomé, Marta Esteves, Matilde Soares, Matilde Sousa, Rita Correia da Silva, Raquel Fonseca
Ilustração	Yolanda Carmo
Coordenação	Isabel Ruivo e Filomena Moreira da Silva
Design e composição digital	Rita Cruz
Edição	julho 2026
Publicação	Escola Superior de Educação João de Deus
ISBN	978-972-8061-89-0



9789728061890

Índice

Prefácio.....	4
Capítulo I.....	7
Capítulo II.....	10
Capítulo III.....	13
Capítulo IV.....	15
Capítulo V.....	18
Capítulo VI.....	21
Capítulo VII.....	25
Capítulo VIII.....	28
Capítulo IX.....	31
Capítulo X.....	34
Capítulo XI.....	36
Capítulo XII.....	40
Capítulo XIII	43
Capítulo XIV	46
Capítulo XV.....	49
Capítulo XVI.....	53
Capítulo XVII.....	56

Prefácio

Quando a Professora Isabel Ruivo me dirigiu o convite para redigir este prefácio, acolhi-o com aquela disponibilidade atenta que reservamos ao inesperado promissor. Há lugares que não se abandonam verdadeiramente, mesmo quando os deixamos. O 2.º Jardim-Escola João de Deus da Figueira da Foz foi para mim um desses lugares: ali aprendi a ler, a escrever, e a entender que as palavras têm peso, que a linguagem não é uma ferramenta neutra, mas uma forma de estar no mundo. É desta casa, portanto, que surge o convite. Conhecendo o rigor intelectual, a sensibilidade pedagógica e a capacidade de mobilizar a imaginação que caracterizam a prática da professora Isabel Ruivo e dos docentes sob a égide da pedagogia de João de Deus, antecipei desde logo que o texto que me seria confiado ultrapassaria a esfera do exercício académico. A leitura confirmou essa expectativa, oferecendo não apenas surpresa e comoção, mas também aquele discreto sorriso interior que apenas a literatura autêntica consegue suscitar.

A obra que o leitor tem agora entre mãos inscreve-se num projeto de escrita criativa coletiva que se foi afirmando como uma experiência pedagógica singular no âmbito da unidade curricular de Técnicas de Expressão Escrita e de Análise Textual, lecionada na Escola Superior de Educação João de Deus. Este projeto construiu uma tradição própria, fundada num princípio de continuidade viva: cada nova turma recebe uma narrativa em curso, habita-a, prolonga-a e reinscreve-a, assumindo simultaneamente a responsabilidade e o privilégio de nela inscrever a sua voz. Tal dinâmica convoca uma conceção da escrita que ultrapassa o domínio do exercício avaliativo, elevando-a à condição de gesto criador partilhado, onde a palavra circula, se transforma e se renova.

No centro desta narrativa, emerge um espaço simultaneamente concreto e simbólico: uma loja discreta, situada no termo de uma rua estreita, onde o pó não apaga, antes preserva, a cintilação das coisas esquecidas. A Loja das Memórias constitui-se como um lugar de suspensão e de latência, onde os objetos, investidos de uma densidade afetiva, aguardam a possibilidade de reativação. Entre eles, destaca-se o Pintarolas, guarda-chuva de cromatismo improvável e cabo em forma de coração, cuja singularidade não reside apenas na aparência, mas sobretudo na tensão íntima que o habita: a recusa daquilo que, à partida, o definiria.

É precisamente nessa fratura entre função e desejo que a narrativa encontra um dos seus eixos mais fecundos. Ao deslocar o olhar para essa zona de desajuste, o texto convoca uma reflexão subtil sobre identidade, pertença e possibilidade. O Pintarolas não receia a chuva em si

mesma; confronta-se, antes, com a ameaça de irrelevância, com o risco de esquecimento. Tal experiência, reconhecível em diferentes idades, confere à narrativa uma ressonância que ultrapassa o universo infantil, convocando leitores de múltiplas gerações.

Ao longo dos seus dezassete capítulos, a obra desenvolve um percurso que articula deslocação exterior e transformação interior. A saída da loja, os encontros e reencontros, a emergência de uma memória mais antiga e a progressiva compreensão do valor de guardar sem imobilizar configuram um itinerário de aprendizagem. A resolução não advém de um gesto extraordinário ou de um artifício narrativo, mas de uma fidelidade afetiva: alguém regressa, alguém cumpre, alguém reconhece. Nesse gesto aparentemente simples, condensa-se uma ética da presença que sustenta toda a narrativa.

Entrelaçados com notável leveza, emergem temas de particular relevância formativa. A necessidade de pertença, enquanto dimensão estruturante da experiência humana, atravessa o texto de forma constante. A memória surge como herança dinâmica, transmitida e recriada, nunca cristalizada. A abordagem do bullying revela uma maturidade rara, recusando simplificações e evidenciando o impacto silencioso da palavra que fere. Por sua vez, a introdução do património, através da evocação de uma obra associada a D. Carlos I, inscreve a narrativa numa dimensão cultural mais ampla, funcionando como porta de acesso a uma história que se prolonga para além da ficção.

A própria escrita coletiva afirma-se, neste contexto, como gesto pedagógico de elevada exigência. Pressupõe escuta, negociação, abertura ao outro e aceitação da incompletude individual. Ao diluir a autoria numa construção partilhada, este processo oferece às crianças e jovens um modelo alternativo de criação, distante da lógica competitiva e próximo de uma ética da colaboração. O trabalho desenvolvido pelas professoras Isabel Ruivo e Luciana Paredes revela, neste ponto, uma notável acuidade pedagógica: criar condições para que múltiplas vozes converjam sem se anularem constitui um exercício de rara complexidade, aqui plenamente conseguido.

Este livro convida, por isso, a uma leitura demorada e partilhada. Solicita a oralidade, a pausa, a conversa. Encontra lugar na sala de aula, onde pode desencadear reflexão, mas também no espaço íntimo da leitura doméstica, onde a escuta se torna mais sensível. Dirige-se igualmente ao leitor adulto, que, ao acompanhar o percurso do Pintarolas, talvez reencontre objetos, memórias ou afetos que julgava adormecidos.

As narrativas que persistem não se limitam a entreter; interrogam, deslocam e revelam. O Pintarolas inscreve-se nessa linhagem discreta de histórias que, sob a aparência de simplicidade, abrem espaço a um reconhecimento mais profundo de nós próprios. Na sua

estranheza, na sua vulnerabilidade e na sua resistência, condensa uma experiência que ultrapassa o enredo e se prolonga no leitor.

À Professora Isabel Ruivo, manifesto o meu agradecimento pelo convite e pela confiança e a todas as alunas que deram corpo e voz a este projeto, reconheço o mérito de terem tecido uma obra que alia imaginação, sensibilidade e inteligência narrativa. Agradeço à Dra. Filomena Moreira da Silva, por ter sabido adaptar para o Ensino Superior o projeto que desenvolvia com os seus alunos do 1.º CEB do JE João de Deus de Torres Vedras.

Que esta leitura se faça com tempo. E que, se em algum momento surgir uma emoção inesperada, o leitor a acolha: talvez não seja mais do que uma memória a reclamar presença.

Joana Lima de Oliveira
Professora Auxiliar de Literatura Infantil
Escola Superior de Educação João de Deus
Lisboa, 2026

Capítulo I

Era uma vez um pequeno guarda-chuva verde. Sem sabermos bem porquê, todos lhe chamavam Pintarolas. Ele era o Pintarolas! Vivia numa loja de coisas esquecidas, um sítio misterioso e encantador onde iam parar todos os objetos que as pessoas, em algum momento, deixavam para trás.

E é nesta loja onde tudo vai acontecer... acontecer o quê? Uma história? Que história? Vamos saber...

A loja do Sr. Alfredo ficava no fim de uma rua estreita e silenciosa, entre uma pastelaria e uma florista. A sua montra estava coberta de pó, mas se alguém olhasse com atenção, podia ver lá dentro um brilho discreto, como se os objetos tivessem vida e esperassem, em segredo, voltar a ser lembrados.

Por cima da porta, um letreiro antigo dizia em letras douradas: “Loja das Memórias.” Sim, ali viviam memória!

Quando a porta se abria, uma campainha de vidro tocava um som doce e tilintante, e o ar enchia-se de um perfume leve, uma mistura entre madeira antiga e histórias por contar. O chão de tábuas rangia a cada passo, as paredes estavam cobertas de prateleiras quase até ao teto, tão cheias que parecia que cada canto escondia um segredo.

Lá dentro, viviam objetos de todos os tamanhos e feitios.

Numa prateleira alta repousava um mágico Chapéu Preto, com a aba ligeiramente dobrada. De tempos a tempos soltava um sopro de purpurinas coloridas e, dizia-se na loja, uma vez até tinha saído de lá um coelho branco de orelhas grandes e felpudas!

Perto do balcão, um Sapato de Verniz pequenino esperava, paciente, pelo seu par perdido. Tinha o laço gasto de tanto uso, o botão e a fivela estavam partidos, mas ainda brilhava como se fosse novo, graças à higiene e limpeza da loja que o seu dono não descurava tal era o amor que nutria por cada objeto.

Sobre uma caixa de madeira dormia o Relógio de Bolso cuja corrente de

prata partida e gasta ainda lembrava momentos áureos que tinha vivido no bolso do colete do seu primeiro dono, D. Duarte Nuno. Já não marcava as horas do dia, tinha parado num tempo sem tempo. Porém, o seu *tique-taque* imaginário ainda ecoava pela sala e era a sua companhia nas noites longas e frias.

Ao fundo, num canto sossegado, sobre uma pilha de muitos outros livros vivia o Livro sem Capa. As suas folhas estavam amarelecidas do tempo vivido e bem vivido, folheado milhares de vezes por gente curiosa e sedenta de conhecimento. Ainda hoje sussurrava histórias aos outros objetos quando a loja adormecia. Ao seu lado, a Flauta de Madeira deixava escapar pequenas notas musicais sempre que o vento passava pela janela.

Numa prateleira iluminada pela luz do entardecer, pendurada num prego enferrujado estava a Chave Dourada. Dizia, orgulhosa, que abria uma porta secreta para o sítio onde os sonhos se escondiam. Bem perto dela estava o Caderno de Capa Encarnada. As suas pontas estavam dobradas, vergadas pela idade. Alguém tinha começado a desenhar estrelas naquelas extremidades outrora direitas, firmes e brancas, mas nunca as acabara. Que mistério aquelas estrelas esconderiam!? Quem as teria desenhado? O caderno não se lembrava. Por cima dele, encontrava-se a Pena Azul que dormitava tardes inteiras, sonhando com palavras que ainda não tinham sido escritas.

No meio de tudo isto, lá estava o guarda-chuva verde, o Pintarolas! Era de cor verde alface com bolinhas encarnadas e um cabo em forma de coração. Este guarda-chuva era o objeto mais estranho de todos. Não parecia nada satisfeito. Algo insólito e inédito o distinguia dos outros objetos da loja. Era um guarda-chuva que não gostava de chuva. Sempre que alguém o abria, encolhia-se e dizia baixinho: Ai que molha! Eu preferia um raio de sol!

Sim, este guarda-chuva era diferente! Enquanto os outros guarda-chuvas da loja se orgulhavam de enfrentar tempestades e falavam das suas aventuras debaixo de chuvas torrenciais, ele encolhia-se só de ouvir falar em pingos e trovões.

O velho Guarda-Chuva Castanho, apesar de já muito ferrugento, achava-se

sempre dono da razão e gostava de fazer os seus comentários e tecer as suas opiniões, mesmo sem ninguém lho pedir, sobre os seus outros colegas objetos. As suas intervenções soavam sempre a rabugice:

— Um guarda-chuva que não gosta de chuva? — resmungava — Isso é o mesmo que um peixe ter medo de água!

Os outros riam-se, soltando estalinhos de ferrugem dos seus corpos já velhos e cansados. O nosso Pintarolas fingia não ouvir as frases indispostas e indelicadas do Guarda-Chuva Castanho. Não queria ser afetado por tanta frieza e crueldade daquele companheiro. Pensava para si: *Para quê dar importância a quem não merece?*

Mas, lá no fundo, sentia dor, tristeza, pena de ser o centro das atenções, o alvo preferido da chacota! O cabo em forma de coração outrora brilhante e vistoso ficava apertado, consumido pela humilhação.

Nesse fim de tarde, desligou dos comentários ouvidos na loja e ficou quietinho no seu canto, olhando pela janela embaciada. Do lado de fora, as primeiras gotas começaram a cair, suaves e brilhantes como lágrimas. Pensou:

— *Talvez um dia alguém entenda que não é preciso gostar-se da chuva para ser um bom guarda-chuva... pode ser-se um guarda-sol!*



Capítulo II

Nessa mesma noite, depois da chuva ter parado e da loja ter ficado envolta num silêncio inquieto, Pintarolas não conseguiu dormir. As palavras do velho Guarda-Chuva Castanho ecoavam-lhe no cabo em forma de coração. Quando a manhã chegou, a loja parecia a mesma... mas ele já não era.

— Ah, o meu verniz! O meu lustro! — num lamento melodramático, digno de uma ópera de sabonete, choramingava o Sapato de Verniz pequenino, que, naquela noite, estava particularmente histérico. — Uma só gota... uma só! E serei reduzido a um trapo encharcado, a uma ruína! Que horror! Parece que fui amaldiçoado!

Pintarolas suspirou, foi um som minúsculo que rapidamente se perdeu entre o ranger das tábuas. Diziam os objetos mais antigos da loja que o Sapato de Verniz sofria de uma doença grave: “Complexo de Cinderela extremamente melodramática”. Pintarolas porém, sendo um guarda-chuva profissional na aversão à água, sentia-se na obrigação de intervir, mais por cansaço que por simpatia. Sim, na verdade, também ele não gostava de água.

— Mas, Sapato... — murmurou Pintarolas, naquele dia. A sua voz era de quem tenta acalmar um gato numa banheira — tu estás aqui dentro, em segurança! A porta está fechada. A não ser que aconteça uma catástrofe natural como um furacão, por exemplo, não vejo perigo.

O Sapato de Verniz ignorou a lógica, que para ele era apenas um ruído irritante. — Tu não entendes, Pintarolas! — disse ele, fazendo uma pausa dramática digna de um ator shakespeariano, enquanto se inclinava perigosamente na borda da prateleira. — A água é o meu inimigo número um. Ela é inimiga do brilho! É o apocalipse do lustro! Prefiro ir para o fundo da prateleira de um sapateiro louco do que levar com uma chuva honesta e natural!

De repente, o mágico Chapéu Preto, cansado de tanto drama, espirrou no canto. Em vez de muco, saiu um pequeno rolo de notas de 500 euros de *Monopólio* e, logo a seguir, um coelho branco de orelhas grandes e felpudas com uns óculos

de sol minúsculos que começou a assobiar o hino nacional. A loja inteira estremeceu de riso mudo, uma espécie de vibração de prazer coletivo.

O velho Guarda-Chuva Castanho, que estava a ouvir a conversa e a exhibir orgulhosamente a sua ferrugem como medalhas de guerra, bufou com desprezo. “Haja paciência! Este sítio virou um *spa* para objetos neuróticos. Um guarda-chuva com medo de chuva e um sapato com fobia de perder o brilho. O próximo, há de ser a Chave Dourada que só quer abrir latas de atum!”

Pintarolas sentiu a provocação. O seu “coração” pulsou de indignação. Ele olhou para o velho Guarda-Chuva Castanho e, num súbito ato de rebeldia existencial, gritou, com a voz esganiçada de quem quer tomar uma decisão definitiva, mas a coragem pareci ainda não ser suficiente:

— Pois bem... sabem que mais? Vou sair daqui e procurar um sítio que sirva para a minha... estrutura! Talvez me torne um guarda-sol de praia, ou quem sabe, um elemento decorativo num cocktail exótico! Prefiro ser lambido por um flamingo cor-de-rosa do que levar com pinguinhas de água gelada!



Esta foi uma declaração bombástica que ninguém queria levar a sério! Seria Pintarolas alguma vez capaz de sair dali? O Relógio de Bolso tossiu umas peças e a Pena Azul caiu da prateleira como forma de protesto simulado. Uma coisa era certa: um dia havia de sair dali, ou talvez não!

No seu cabo em forma de coração tudo estava confuso, as emoções eram contraditórias. A vida de um guarda-chuva na Loja das Memórias podia estar prestes a sofrer uma transformação. Pintarolas achava, no seu íntimo, que tinha de sair daquela loja antes que o velho Guarda-Chuva Castanho o convencesse a fazer um *detox* de ferrugem.

Capítulo III

Por mais que Pintarolas soubesse que o melhor era sair da loja, aqueles pensamentos em *looping*, nessa noite, eram altamente destrutivos. Já todos dormiam e Pintarolas continuava perdido nas suas angústias, entre pensamentos sucessivos de “como era bom sair dali”, misturadas com bloqueios constantes que rompiam qualquer esperança que pudesse existir.

Felizmente para o Pintarolas, o Sapato de Verniz também ele triste, quis juntar-se ao seu sofrimento. — Então, Pintas? — perguntou o Sapato de Verniz, em tom de brincadeira.

— Não me chames isso! Esse não é o meu nome, eu chamo-me Pintarolas!

— Sim, eu sei, mas era só para te animar... Desculpa.

— Não faz mal, eu percebi. Sabes, hoje acho que nada me anima. Sinto-me incompreendido, acho que ninguém gosta de mim e não me percebem. Será que há mesmo um sítio melhor para viver? Eu sonho muito com essa possibilidade, mas tenho medo de que seja só nos meus sonhos...

— Sabes, Pintarolas, eu nem nome tenho, chamam-me Sapato de Verniz. Nunca se deram ao trabalho de me dar um nome mais original. Sapato de Verniz pode ser qualquer um. Também nunca pisei aqueles salões de dança, nem tão pouco dancei ao som de música de bailes, sabes? Sinto que não tenho propósito...

— Deve ser difícil não conheceres o teu propósito de vida Sapato de Verniz, mas ainda vais a tempo!

— Tanto quanto tu. Na verdade, tu mais. Eu fiquei gasto com os anos que passei nesta loja. Perdi metade do meu brilho... Ninguém se vai dar ao trabalho de me envernizar; ouço dizer que é caro... Quem me comprou usou-me apenas para um casamento, mas como não correu bem, despachou-me. Sou um objeto com uma história triste, que dá azar, dizem todos entre dentes.

Mas vai tu. Tu tens coragem. Eu vi como respondeste àquele guarda-chuva velho.

— Achas mesmo? — perguntou Pintarolas, surpreso.

— Sim! Tu tens uma boa energia e és um chapéu muito bonito. É um desperdício ficares nesta loja sem futuro. Vai, arrisca!

Nesse momento, Pintarolas sentiu-se visto e esperançoso. Era disto que ele precisava: um “empurrãozinho”. O pobre guarda-chuva finalmente começava a acreditar e a ganhar coragem para sair daquela loja.



Capítulo IV

Na Loja das Memórias, onde os objetos esquecidos repousavam entre pó e silêncio, havia um ruído que não vinha de tábuas a ranger nem do tilintar da campainha da porta. Era um ruído invisível, feito de risos curtos e comentários afiados, que se repetia sempre que o Pintarolas se mexia.

O velho Guarda-Chuva Castanho gostava de ser ouvido. Alimentava-se da atenção dos outros e, para a conseguir, escolhia sempre o mesmo alvo.

— Vejam só — dizia, com voz arrastada — Um guarda-chuva que parece ter medo do mundo. Que utilidade tem, se até treme de medo só de ser aberto?

Alguns objetos riam por hábito e outros, por receio de serem os próximos. O riso espalhava-se pela loja como ferrugem silencioso, mas corrosiva. O Pintarolas não respondia. Mantinha-se quieto no seu canto, mas dentro dele acumulava-se um cansaço profundo, o cansaço de quem é reduzido a uma piada repetida vezes demais.

Certa noite, quando a loja mergulhou na penumbra, o Livro sem Capa quebrou o silêncio:

— As palavras deixam marcas — murmurou. — Não se veem, mas pesam.

O Pintarolas demorou a responder.

— Talvez o problema seja meu — disse, por fim. — Se eu fosse diferente, ele parava.

O Livro se Capa estremeceu na prateleira.

— O erro nunca está em existir — respondeu, com firmeza. — Está em ferir por divertimento.

No dia seguinte, o inevitável repetiu-se. O Guarda-Chuva Castanho lançou mais uma provocação, esperando o riso automático da plateia. Mas, antes que o eco se espalhasse, o Pintarolas abriu-se ligeiramente. Não para se proteger, mas para falar.

— O que dizes não é humor — afirmou, com voz trémula, mas clara. — É desprezo. E o desprezo cansa.

O silêncio que se seguiu foi diferente dos outros. Não era vazio era um silêncio consciente. O Sapato de Verniz desviou o olhar. Pela primeira vez, os objetos viram o peso real daquilo a que chamavam brincadeira.



O Guarda-Chuva Castanho hesitou. A sua segurança, construída sobre o riso alheio, revelou-se frágil.

— Eu... não pensei que fosse assim tão sério — murmurou.

O Livro sem Capa respondeu:

— É sempre sério para quem recebe.

A loja não aplaudiu. Não houve grandes gestos. Apenas uma mudança subtil, mas definitiva. E o riso fácil desapareceu. No seu lugar nasceu um cuidado novo, uma atenção que tornava o espaço mais leve.

E a loja, livre do peso das palavras cruéis, respirou como se tivesse sido

finalmente arejada.

Porque há silêncios que escondem medo.

E há vozes que, quando se erguem, devolvem dignidade a todos os que escutam.

Capítulo V

Os objetos estavam agitados depois da tensão que se instalara na loja. O ambiente parecia carregado de inquietação, como se algo estivesse prestes a acontecer. O Sapato de Verniz mantinha-se imóvel, atento à porta.

— Porque é que ele ficou tão zangado? — perguntou a Chave Dourada.

— Ninguém gosta de ser provocado... — explicou o Livro sem Capa. — Este tema é sensível para ele, não sabemos o porquê, mas a chuva deixa-o muito desconfortável.

O velho Guarda-Chuva Castanho resmungou:

— É sempre a mesma história. Um guarda-chuva com medo de chuva, não faz sentido! No meu tempo ninguém se chateava por tão pouco.

Antes que alguém lhe respondesse, ouviu-se um pequeno som... a Pena Azul tinha caído da prateleira. Recuperou o equilíbrio, ergueu-se e disse com firmeza:

— Silêncio! Voltem aos vossos lugares.

Os objetos obedeceram-lhe sem hesitar. A Pena Azul tinha autoridade, já tinha escrito muitas histórias e sabia como cativar os outros. A loja ficou novamente calma.

Mas, de repente, lá fora algo mudou... A chuva batia com força na montra e o vento empurrava a porta com movimentos irregulares. Uma sombra aproximava-se lentamente, iluminada apenas pela luz fraca da rua.

— Vem aí alguém... — anunciou a Pena Azul.

A figura parou mesmo diante da porta. Os objetos reconheceram o chapéu molhado e o casaco escuro: era o dono da loja, o Sr. Alfredo. Ao seu lado estava uma menina, a Clara, a quem o segurava pela mão. Os seus olhos brilhavam de curiosidade. Dentro da loja, nenhum objeto se atreveu a sair do lugar. O som da chave a rodar no trinco ecoou delicadamente: clic... clac.... A porta abriu-se devagar, fazendo ranger as suas dobradiças enferrujadas. A campainha tocou e o

dono entrou com o casaco encharcado, deixando um rasto de pingos no chão. Trazia um baú pesado, cuja madeira estava escurecida pela chuva.

Pintarolas fitava o baú sem desviar o olhar e perguntava-se se também ele teria direito a uma nova vida fora daquelas paredes.

O Sr. Alfredo pousou o novo objeto sobre a grande mesa, que ficava no centro da loja. Era onde costumava deixar os objetos mais importantes, sempre visíveis a quem entrava.

A menina aproximou-se e pousou a mão sobre a tampa, examinando-a com interesse. O homem abriu uma das gavetas da mesa, retirou um pano e um espanador e, com a ajuda da menina, começou a limpar o baú. A Pena Azul observava-os atentamente.

— Que segredos esconderá este baú? — balbuciou a Pena Azul em jeito de interrogação.

Nenhum objeto respondeu, todos olhavam expectantes como se, a qualquer instante, ele pudesse revelar o segredo que guardava. A presença daquele novo objeto pareceu ocupar toda a sala num só instante. Ele carregava consigo uma silenciosa mudança.

De repente, a Clara olhou para a porta e reparou numa carta caída no chão, parcialmente encharcada pela chuva que se infiltrara pelas frestas. Deu alguns passos em direção à porta e baixou-se para apanhá-la.

— Avô... quem terá deixado isto aqui? — perguntou ela, virando a carta já meio húmida.

— Não sei, minha querida... — murmurou ele, passando o dedo enrugado pela caligrafia antiga. — Mas esta letra... há muito tempo que não a via...

O Sr. Alfredo permaneceu a olhar para a carta, como se aquela caligrafia o levasse para memórias distantes. A menina franziu o sobrolho ao ver a folha quase a desfazer-se.

— Está toda molhada, avô... assim não conseguimos ler nada...

— Tens razão. Se tentarmos abrir agora, a carta pode rasgar-se. Já sei! Vamos secá-la com o secador que está na arrecadação.

Pousou a carta na mesa e desapareceu por entre as cortinas que davam acesso à arrecadação. Pouco depois regressou com o secador, ligou-o, e um jato de ar morno fez a carta abanar suavemente. Pouco a pouco, as manchas de água foram desaparecendo e as letras ficaram visíveis. O avô desligou o secador e endireitou os óculos na ponta do nariz.

— Vamos descobrir o que diz este recado misterioso.



Capítulo VI

Clara mal conseguia esconder o seu entusiasmo, enquanto o avô desdobrava a carta:

“Caro Senhor,

Encontrei este baú ao pé dos caixotes do lixo. Achei-o demasiado bonito e, por isso, não tive coragem de o deixar ali. Sei que o senhor cuida de coisas esquecidas e dá-lhes uma nova vida. Assim, deixe-o à sua porta na esperança que o consiga restaurar. Talvez, nas suas mãos, este baú volte a ter dono... eu, pelo menos, memória.

Com respeito,

Alguém que não quis que isto fosse apenas lixo.”

— Então este baú veio... do lixo? — perguntou a menina.

— Pelos vistos, sim — murmurou o Sr. Alfredo, pensativo. — Há pessoas que ainda sabem ver valor nas coisas antigas.

— Se calhar lá dentro também está alguma coisa que não deve ser deitada fora... vamos abrir, avô?

— Sim, mas precisamos de ir buscar algumas ferramentas para ver se o conseguimos abrir — respondeu ele.

Saíram os dois, deixando o baú para trás, e de imediato instalou-se um burburinho entre os objetos da loja.

— Hum... isto cheira-me a mistério — sussurrou a Pena Azul, ajeitando-se na prateleira. — Tu, por exemplo, podias experimentar abrir o baú. — disse ela inclinando-se para a Chave Dourada.

— Eu?! Impossível! Cada fechadura tem a sua chave, e eu estou pendurada neste prego enferrujado há anos. — exclamou a Chave Dourada.

Pintarolas, que não tirava os olhos do baú, encolheu-se. — Eu só espero que ninguém aqui brinque com as fragilidades dele... — murmurou.

A Pena Azul interrompeu-o e, num tom sério, disse. — Ninguém se vai rir do baú. Nesta loja, cada objeto tem a sua história.

Nesse momento, o avô e a neta regressavam carregados. Ele tinha uma caixa de ferramentas e ela um ar entusiasmado.

— Vamos lá ver o que temos aqui... — disse o avô, pousando a caixa na mesa. Experimentou várias ferramentas, mas nada parecia encaixar.

— Avô... e se nós abanarmos o baú com força? — sugeriu ela já impaciente. — Às vezes as coisas abrem-se quando se abanam muito!

O Sr. Alfredo endireitou-se e olhou-a com doçura. — Eu sei que estás curiosa, e eu também — disse-lhe. — Mas este baú pode ser muito antigo e valioso e aqui, na Loja das Memórias, tratamos bem de tudo o que nos chega às mãos.

— Está bem, avô... — disse a menina encolhendo os ombros.

O dono da loja voltou a fitar a fechadura e reparou que esta tinha um brilho dourado especial, da mesma cor de algo que conhecia...

— Este dourado... — levantou a cabeça de repente e olhou para a prateleira. — Já sei! — exclamou. — A Chave Dourada!

O Sr. Alfredo aproximou-se da chave, retirou-a com cuidado e levou-a até ao baú. Os objetos voltaram a sussurrar:

— Eu bem disse! — murmurou a Pena Azul, em tom vitorioso.

— Chiu, não faças barulho, deixa-me ouvir — resmungou o Sapato de Verniz, cheio de curiosidade.

O homem encaixou a chave na fechadura, rodou-a, ouviu um clique... as dobradiças rangeram e suavemente levantou a tampa do baú. Um cheiro leve a madeira antiga e a tinta velha espalharam-se pela loja. Lá dentro, estava um papel cuidadosamente enrolado e preso por uma fita azul desbotada. O avô desenrolou-o devagar, revelando uma pintura a óleo de um barco antigo sobre um mar calmo. No canto inferior esquerdo, liam-se as iniciais C. F. e a data: 1898.

O Sr. Alfredo aproximou o rosto, incrédulo. — Não acredito... — murmurou. — Será que... é mesmo o que estou a pensar?

De repente, começou a vasculhar numa estante cheia de livros velhos e empoeirados. Ao fim de alguns instantes, regressou com um livro antigo e já meio gasto. Na capa lia-se *A obra artística de El-Rei D. Carlos*. Ele pousou o livro na mesa e folheou-o com todo o cuidado, até encontrar uma página com uma imagem parecida à da pintura. — É mesmo... — murmurou, quase sem voz.

— É mesmo o quê? — perguntou Clara. — Não estou a perceber nada...

Ele levantou o olhar e fitou-a, emocionado. — Esta obra é muito valiosa! Foi pintada por um rei português importantíssimo.

— Ah! Já sei, foi D. Afonso Henriques. — disse a menina com muita certeza.

O avô sorriu carinhosamente. — Podia ter sido, mas na verdade esta pintura pertenceu ao penúltimo rei de Portugal, D. Carlos I. Foi um dos reis mais importantes do nosso país, reconhecido pelo seu talento para a pintura. As suas obras eram muito bonitas, como esta. Apesar da sua vida ter terminado de uma forma trágica, D. Carlos I continua a ser lembrado até aos dias de hoje pelo seu talento e criatividade.



— De forma trágica, avô? Porquê? — perguntou a menina.

— Isso é uma longa história... — respondeu, sentindo que já tinha dito mais do que devia. — Falamos disso noutra dia, está bem? Já está a ficar tarde e temos de ir jantar.

Enrolou novamente a pintura, colocou-a dentro do baú, fechou a tampa, pousou a Chave Dourada por cima e arrumou-o na prateleira mais alta.

Pintarolas observava tudo com o coraçãozinho apertado, receando o destino do baú e da Chave Dourada. A Pena Azul e o Guarda-Chuva Castanho trocavam sorrisos silenciosos, e até o Sapato de Verniz, por um instante, esqueceu-se da humidade.

O dono da loja e a menina dirigiram-se para a porta. Assim que a abriram, o ar frio irrompeu pela loja. Quando saíram, a campainha soou devolvendo à loja o silêncio tranquilo de sempre.

Capítulo VII

Durante alguns instantes após a saída do avô e da neta, a Loja das Memórias permaneceu em silêncio. O ar parecia suspenso, como se até as partículas de pó esperassem por algo. Mas aquele sossego não durou muito.

O simples facto de o baú estar ali, fechado outra vez, despertava em todos uma curiosidade impossível de conter. Sussurros começaram a espalhar-se pelas prateleiras, rangidos inquietos ecoaram no chão de madeira, e a loja, pouco a pouco, deixou de estar calma. O caos instalou-se.

Todos os objetos queriam saber que mais estaria no baú. A Chave Dourada mantinha-se sobre a tampa quieta, como se ainda guardasse o segredo que ajudara a revelar.

O Relógio de Bolso, que dava pouco nas vistas, acordou sobressaltado com a agitação. Deu um pulo da sua caixa de madeira e exclamou, indignado:

— Mas o que vem a ser isto? Tanto alarido por uma caixa mais velha e gasta do que a minha? As dobradiças até estão enferrujadas...

— Tu não estavas avariado? — respondeu a Pena Azul, no seu tom habitual. — Já nem as horas consegues marcar!

Sem responder, e com uma calma provocadora, o Relógio de Bolso aproximou-se do baú. A sua atitude não surpreendeu ninguém porque já todos sabiam como ele era... rejeitado, desvalorizado, reservado e esquecido por muitos dos seus antigos donos, habituara-se a guardar o tempo só para si. Com o passar do tempo, o próprio Relógio de Bolso deixara de ter tempo para dar.

— Vamos lá ver o que está dentro desta caixinha... — murmurou, estendendo-se lentamente até à Chave Dourada.

Pintarolas observava tudo, indignado. Afinal, a Pena Azul era o objeto mais respeitado da loja, por isso aquele atrevimento parecia-lhe errado.

Bruscamente, o Relógio rodou a Chave com a ajuda da corrente e abriu a tampa do baú. Ficou incrédulo. Para além da pintura a óleo, havia algo mais,

parcialmente escondido por um pano escurecido pelo tempo. O avô não reparara naquele detalhe, pois toda a sua atenção estava absorvida pela descoberta da pintura. O objeto permanecia quase invisível, silencioso, à espera de ser descoberto.

Tique-taque, tique-taque, tique-taque...

O som do Relógio de Bolso voltou a ecoar, ritmado e insistente, despertando todos os objetos da loja. Cada um se inclinou ligeiramente, tentando perceber o que o despertara.

E então... lá estava ela. Aquilo de que sentira tantas saudades.

— Bússola Desnorteada... és tu? — sussurrou o Relógio, temendo que fosse apenas imaginação.

Descontrolado, saltou para dentro do baú, quase destruindo a pintura. O seu *tique-taque* tornou-se cada vez mais forte. Todos os objetos ficaram emocionados ao ouvir o som que, há muito, pensavam estar perdido.

— Mas porque é que estão todos tão emocionados? — questionou Pintarolas, confuso.

— És mesmo tosco! — respondeu o velho Guarda-Chuva Castanho, no seu tom arrogante habitual. — Como é que ainda não sabes da história entre o Relógio de Bolso e a Bússola Desnorteada?

Percebendo que aquele reencontro era especial, Pintarolas, discretamente, aproximou-se do baú e espreitou para o interior, na esperança de encontrar algo que lhe despertasse a mesma emoção que via no Relógio. Mas, para sua surpresa, apenas a pintura permanecia visível.

— Será que algum dia eu terei a sorte de encontrar algo que me faça sentir assim? — murmurou o Pintarolas, caminhando sozinho para um canto da loja.

O velho Guarda-Chuva Castanho, apesar do seu tom azedo habitual, reparou na expressão abatida de Pintarolas. Aproximou-se lentamente, apoiando-se na sua vareta mais torta, preparando-se para dizer algo quando...

TUM!

A tampa do baú fechou-se sozinha. A campainha da porta tilintou e todos os objetos estremeceram, olhares e movimentos pararam de repente.

— O que foi isto?! — exclamou a Pena Azul, endireitando-se de imediato.

O Relógio de Bolso espreitou devagar de dentro do baú, agarrado à Bússola Desnorteada, que tremia intensamente.

— Não fui eu! — apressou-se a dizer o Relógio. — A tampa fechou-se sozinha!

A Bússola rodou sobre si própria três vezes, o ponteiro girou, girou ... e de repente parou, apontando diretamente para o Pintarolas, com uma precisão inquietante.

— Ai, valha-me o verniz... — murmurou o Sapato de Verniz, escondendo-se atrás de uma prateleira cheia de pó e livros cansados.

O Pintarolas recuou, o cabo em forma de coração batia cada vez mais rápido.

— Eu? — perguntou, num fio de voz que se perdeu entre o ranger das tábuas do chão.



Capítulo VIII

— Deve haver algum erro... — murmurou, para si próprio o Pintarolas — Eu não sou especial.

A Bússola Desnorteada permanecia imóvel, o ponteiro firme, apontado sem hesitação para o Pintarolas. Não tremia nem rodava. Era como se tivesse finalmente encontrado aquilo que procurava.

— Isto... isto não faz sentido nenhum... — exclamou o Pintarolas, recuando mais um passo. — Eu não sou um lugar, nem um caminho. Para além disso nem sequer gosto de chuva!

— Exatamente! — murmurou o Livro sem Capa, com a voz grave das histórias antigas. — Os livros como eu, sabem que as bússolas mais antigas não apontam apenas para Norte, apontam para aqueles que guardam memórias esquecidas muito importantes.

O coração de Pintarolas apertou-se. *Memórias esquecidas?* Nunca tinha pensado nisso. Apenas se lembrava das mãos pequeninas e alegres da menina que um dia protegera da chuva.

— Isto é alguma brincadeira? Um guarda-chuva medricas ser escolhido por uma bússola mágica? Já vi ferrugem mais sensata! — resmungou o velho Guarda-Chuva Castanho. Mas, pela primeira vez, ninguém se riu.

A Bússola Desnorteada brilhou levemente. Um brilho verde, muito suave e semelhante ao tom do próprio Pintarolas. O ponteiro tremeu uma única vez, como se tivesse algo para dizer e, de repente, ouviu-se um som distante.

Ping... ping... ping...

Uma gota de água escorreu lentamente pelo vidro da montra da loja e caiu no chão, mesmo à frente do Pintarolas.

Ele fechou os olhos.

Esperou pelo medo.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo lentamente.

O silêncio fez-se presente.
O coração bateu diferente.
Mas ficou firme, consciente.
Abriu os olhos bem devagar.

A gota refletia a luz da loja como um pequeno espelho. Dentro dela, o Pintarolas julgou ver algo... uma imagem antiga, um pouco desfocada... era uma menina. A imagem foi-se tornando cada vez mais clara e de repente estava a ter uma visão completamente nítida.

Via-se a caminhar com ela em dias de chuva, protegendo-a sempre com carinho. Era um dia frio e chuvoso, em que as gotas pareciam cortar a pele. A menina apertou-o contra si e disse, entre gargalhadas e dentes a bater de frio: *“Amigo, contigo até a chuva é divertida!”*.

— Eu... eu estou a ver... o dia em que me senti verdadeiramente especial!
— exclamou o Pintarolas emocionado. O seu coração batia agora mais rápido. —
Ouviste Relógio, eu já fui especial!



— Todos os objetos são especiais, Pintarolas — respondeu o Relógio de Bolso com ternura.

O Pintarolas procurou novamente a água que escorria pela janela e as imagens voltaram a surgir. Com o tempo, percebeu que se tornara mais do que uma proteção. Cada passeio, cada gargalhada e cada gota que caía sobre ele ficava guardada dentro de si, como se ele guardasse não só a chuva, mas também a felicidade e a segurança da menina.

Com os anos, à medida que a menina cresceu, Pintarolas foi sendo usado cada vez menos, até acabar arrumado numa velha caixa de cartão, no sótão da casa.

A menina tornara-se mulher.

Passaram-se muitos anos, até ao dia em que a caixa voltou a ser aberta.

— Pintarolas... és tu! — exclamou a mulher surpreendida. — Filha, encontrei o meu guarda-chuva preferido de quando era criança, tive tanta pena de o deixar de usar...

— Mãe! Que guarda-chuva tão giro! — disse a filha animada. — Posso ficar com ele? Já não o vais usar, pois não?

A mulher sorriu e assentiu, pedindo apenas que cuidasse bem dele, pois era muito especial.

Foi então que Pintarolas regressou à realidade da loja e percebeu algo que nunca tinha compreendido totalmente: a sua primeira dona não tinha sido a menina que o perdera, mas sim a mãe dela. Desde o início, tinha sido guardião de memórias que atravessavam gerações.

Capítulo IX

O Pintarolas ainda tremia com a visão que acabara de ter. Sentia o seu cabo em forma de coração a saltar do peito e parecia que as suas bolinhas iam fugir depois do que acabara de saber. “*Então a mãe da Alice era a minha dona?*”, pensou ele enquanto os outros objetos dormitavam.

No silêncio da loja, Pintarolas sentia-se diferente, sentia-se feliz, como se as paredes lhe sussurrassem “TU consegues, é agora”.

Nesse momento, a Bússola Desnorteada começou a girar lentamente, o Relógio de Bolso tocou um *tique-taque* apressado e o Pintarolas soltou uma luz suave como a bonita noite estrelada. A Chave Dourada tremeu e a tampa do baú voltou a abrir-se repentinamente.

Quando o Pintarolas se debruçou sobre o baú reparou que a pintura do Rei D. Carlos não era a única coisa que existia, também estava escondido lá dentro um caderno antigo, de capa gasta, com um cheiro a sal e páginas marcadas pelo tempo.

Então, aconteceu que, quando o Relógio de Bolso se quis aproximar do Diário, este deu um estrondo, parecia que não queria revelar os seus segredos a ninguém.

— Olha, porque estás a olhar assim para mim? — disse indignado o Diário.

— Desculpa, da última vez tu não estavas aí dentro. — afirmou o Relógio.

— Eu sempre estive aqui. Mas ninguém me tinha visto verdadeiramente como eu sou. Teve de acontecer algo histórico, peculiar para vocês finalmente repararem em mim.

— Então consegues dizer o que escondes... — disse o Pintarolas amedrontado.

— Eu sou um diário de bordo. — explicou o caderno com voz firme. — Registei viagens pelo mar, observações do oceano e dias passados em Cascais. Também pertenci a D. Carlos I.

Na manhã seguinte, quando o Sr. Alfredo entrou na loja deparou-se com algo estranho, pois o baú estava aberto, e o Diário à vista. Ficou perplexo com o que estava escrito no Diário.

O Sr. Alfredo mal teve tempo de assimilar tamanha descoberta! Nesse momento, Clara entrou na loja, seguida da mãe, e exclamou, surpreendida:

— Avô! Sonhei com um Diário antigo com cheiro a mar.

O avô olhou para ela com atenção, surpreendido com a coincidência, mas antes que pudesse responder, o olhar de Alice foi atraído para o baú aberto.

Alice aproximou-se do baú e reparou na pintura cuidadosamente enrolada.

— Espera... — disse, com atenção — esta é a pintura de que me falaste, pai? A do rei?

O Sr. Alfredo assentiu devagar.

— É. Quando percebi que pertencia a D. Carlos I, soube que era importante... mas achei que devia protegê-la primeiro. Nem tudo o que chega aqui está logo pronto para sair.

Clara franziu o sobrolho.

— Mas agora já sabes o que é. E sabes de onde vem.

O avô sorriu, pensativo.

— Tens razão. Esta pintura não é apenas uma memória esquecida. É parte da nossa história.

Alice aproximou-se da filha e pousou-lhe a mão no ombro.

— Então o lugar dela é onde possa ser cuidada e partilhada com todos.

Clara abriu um sorriso.

— No Museu do Mar.

O Sr. Alfredo respirou fundo, como quem toma uma decisão difícil, mas certa.

— Sim... a pintura deve seguir o seu caminho.

Clara pegou na pintura cuidadosamente e guardou-a na mala, certificando-se de que estava bem protegida.

— Prometo que vamos cuidar dela — disse, olhando para o avô.

O Sr. Alfredo assentiu e abriu a porta da loja. O ar da noite entrou devagar, trazendo consigo o cheiro do mar e da chuva recente.

Alice e Clara despediram-se e saíram de mãos dadas. A campainha tilintou suavemente e, pouco depois, a loja voltou ao seu silêncio habitual.

Lá dentro, os objetos permaneceram imóveis durante alguns instantes, como se escutassem o eco dos passos que se afastavam.

A Bússola Desnorteada deixou de girar e ficou tranquila. O Relógio de Bolso retomou um *tique-taque* calmo, certo.

O Pintarolas observou a porta fechada e sentiu algo novo a crescer dentro de si. Não era medo, nem dúvida. Era a certeza de que, ao ajudar aquela pintura a encontrar o seu lugar, também ele começava a perceber qual poderia ser o seu.

Pela primeira vez, desde que chegara à Loja das Memórias, o desejo de sair deixou de ser uma vontade apressada. Tornou-se uma ideia tranquila, amadurecida, como uma viagem que ainda não começa, mas que já sabe para onde quer ir.



Capítulo X

A chuva caía de forma persistente enquanto Alice e Clara caminharam pelas ruas de Cascais, de mãos dadas, em direção ao “Museu do Mar Rei D. Carlos I”. O edifício antigo erguia-se silencioso, como se observasse cada visitante que se aproximava, guardando histórias que cheiravam a sal e a tempo.

Assim que entraram, o mundo lá fora pareceu ficar em suspenso. O som da chuva transformou-se num eco distante e o ar no interior do museu era fresco, com uma mistura de madeira antiga, papel envelhecido e maresia.

Clara caminhava devagar, fascinada com os modelos dos barcos de pesca, redes antigas, mapas marítimos e instrumentos usados para navegar e estudar o oceano.

— Aqui parece que o mar nunca foi embora. — disse Clara.

Alice sorriu e conduziu-a até uma sala especial, onde havia pinturas, objetos científicos e painéis explicativos dedicados ao “Rei D. Carlos I”.

Contou-lhe que o rei passava longas temporadas em Cascais, não apenas para descansar, mas para observar, pintar e estudar o mar. Entre o final do século XIX e o início do século XX, realizou campanhas oceanográficas, recolheu espécies marinhas e deixou um contributo importante para a ciência portuguesa.

Clara ficou longos instantes a olhar para uma pintura de ondas agitadas e exclamou:

— Ele pintava o mar como se estivesse vivo!

Nesse momento, Clara sentiu um leve arrepio, como se o próprio museu estivesse atento à presença delas. Algo parecia ligar o que tinham trazido consigo àquele lugar, como se tudo fizesse sentido. Aproximaram-se de uma vitrine que explicava que o rei fora assassinado em 1908, mas que o seu legado artístico e científico continuava vivo.

Alice falou com um funcionário do museu, explicando a importância histórica do que tinham descoberto. O homem agradeceu, garantiu que estava em boas mãos e que iriam analisar o documento com todo o cuidado.

Enquanto Alice falava com o funcionário do museu, Clara ao ouvir atentamente o que diziam. Nisto, sentiu um estranho conforto, como se uma presença invisível as acompanhasse, protegendo-as.



Ao saírem do museu, a chuva começava a dar tréguas e algumas nuvens afastavam-se lentamente.

— Parece que o mar ficou mais calmo — disse a menina, com serenidade.

Alice deu a mão à filha, sentindo que aquela visita não fora apenas uma ida ao museu. Uma memória antiga tinha encontrado finalmente o seu lugar.

Capítulo XI

O tempo corria devagar naquela loja de objetos perdidos. Apesar disso, a Loja das Memórias era diariamente visitada por inúmeras pessoas que procuravam pacientemente algo inédito, antigo, valioso para darem às suas casas um toque de arte.

Naquela noite, a rua estreita estava particularmente sombria. A loja das coisas esquecidas dormia num silêncio profundo. Apenas o *tique-taque* imaginário do Relógio de Bolso se ouvia incessantemente, mascando horas perdidas a que ninguém dava importância. Este som onomatopaico misturava-se com o sussurro tímido da chuva que caía lá fora.

Pintarolas, o pequeno guarda-chuva verde com bolinhas encarnadas, estava acordado. O seu cabo em forma de coração batia apressado, como se tivesse ganho vida própria. Desde a discussão com o velho Guarda-Chuva Castanho, que uma ideia atrevida lhe acudia incessantemente à cabeça: fugir.

Pensava para si mesmo: *“se eu ficar aqui, nunca saberei se há um lugar no mundo para um guarda-chuva que prefere o sol à chuva.* E assim, numa mistura de coragem e trapalhice, iniciou a sua missão de fuga. O seu plano estava em marcha e iria concretizá-lo.

Primeiro saltou da prateleira onde se encontrava torto e desesperado. O salto não correu como planeado e caiu em cima de uma pilha de jornais antigos, acordando o Sapato de Verniz.

— Carambolas! — gritou o Sapato de Verniz, assustado. — Mas o que vem a ser isto?

— É... uma aventura — respondeu Pintarolas, tentando recuperar rapidamente a compostura.

Arrastou-se até à porta da loja, fazendo ranger o chão de madeira. Lá fora, o vento soprava de mansinho como se o convidasse a sair. O vidro estava embaciado, mas ainda assim podia ver-se o brilho dos candeeiros acesos na noite e o reflexo dourado da vizinha “Florista do Bairro”.

Com esforço, empurrou o trinco. A porta abriu-se, fazendo soar um suspiro longo, e o vento curioso entrou pela loja adentro, fazendo voar algumas folhas soltas do Caderno Encarnado. O mesmo vento que fez bater a porta, fechando-a.

— Adeus “Loja das Memórias...” — sussurrou ele, e deixou-se levar. O vento apanhou-o como se fosse uma folha leve e num instante Pintarolas estava no ar, a rodopiar por cima dos telhados. O mundo lá em baixo era um mosaico de luzes e sombras, poças de água e reflexos dourados. Durante alguns segundos, sentiu-se de tal maneira embalado pelo vento que até se esqueceu do medo da chuva, talvez porque naquele momento não chovesse.

O voo acabou depressa. Uma rajada mais forte atirou-o para o chão, bem no meio da rua, dentro de uma enorme poça. E ficou ali, de “pernas para o ar”, a pingar durante toda a noite.

— Ai que estou todo molhado... — dizia ele, fechando-se sobre si mesmo.
— Serei reduzido a ferrugem emocional! Isto é o fim!

Mas não foi. Nos primeiros raios da manhã ouviram-se passos leves que se aproximavam.

— Pai, olha, um guarda-chuva! — disse uma voz pequenina e curiosa.

Pintarolas abriu um olhinho de metal e viu uma menina. Teria uns oito anos. Trazia calçadas umas galochas amarelas, para chapinhar alegremente nas poças, e um casaco vermelho com botões em forma de coração. Trazia uma flor na mão, já meio desfeita pela chuva, e um ar sonhador de quem fala com tudo o que encontra.

— Que bonito que és! — exclamou ela. — Um guarda-chuva verde com bolinhas encarnadas e... um cabo em forma de coração! Aposto que foste esquecido por alguém muito distraído.

— Eu... hum... não gosto muito de chuva, sabes? — murmurou Pintarolas, um pouco envergonhado.

A menina riu-se.

— Então vieste parar ao sítio errado, meu amigo! Mas não faz mal, eu

também não gosto de dias cinzentos... por isso até somos parecidos.

Ela puxou a mola devagarinho e Pintarolas, apesar do medo, deixou-se abrir. E as gotas começaram a cair, umas grandes, outras minúsculas, deslizando pelo tecido. Sentiu cócegas, frio e calor, tudo ao mesmo tempo. Mas também sentiu algo novo, uma emoção nunca vivida: a alegria. Sem saber explicar porquê, sentia-se feliz.

A menina caminhava orgulhosa pela rua, protegida pelo seu chapéu novo: o Pintarolas. E enquanto andavam, Pintarolas pensou que, lá no fundo, a chuva também tinha o seu encanto. As poças eram pequenos espelhos onde as luzes dançavam e a cidade parecia respirar, devido à brisa que corria pelo ar.



“Afinal... não é assim tão mau”, pensou ele. Talvez a chuva não seja sempre inimiga. Quando chegaram ao fim da rua, a menina fechou-o com cuidado e encostou-o à parede da pastelaria. Entrou, demorou-se um pouco. *“Deve vir buscar-me quando comprar o seu lanche...”*, pensou ele. *“Afinal, os guarda-chuvas que não gostam de chuva também são úteis. Às vezes basta alguém que nos veja como somos.”* Mas a menina saiu e foi-se embora saltando nas poças,

feliz.

E ele, lá ficou esquecido encostado à parede da pastelaria com o cabo em forma de coração a brilhar ao luar.

E nessa noite, pela primeira vez, Pintarolas adormeceu ao som da chuva, sem medo.

Capítulo XII

Enquanto dormia, embalado pelo som da chuva, uma memória antiga voltou a visitá-lo. A chuva tinha abrandado e agora caía como um murmúrio distante, uma canção de embalar feita de gotas. Pintarolas dormia encostado à parede da pastelaria, com o cabo em forma de coração pousado sobre o chão molhado. Dormia profundamente, como se o mundo tivesse parado só para o deixar descansar. E no sono profundo, um sonho emergiu de uma memória antiga.

No sonho, tudo era diferente. O passado começou a abrir-se como folhas de um livro de histórias. De repente, estava num dia antigo. O céu estava azul, o sol brilhava e lembrava-se do cheiro a novo, do tecido verde a reluzir, das bolinhas encarnadas redondas e perfeitas. Uma loja cheia de vozes e risos. E depois, a mão que o escolheu — firme, delicada, perfumada com cheiro a jasmim. Aquela seria a sua segunda dona, Alice.

Alice não gostava particularmente dos dias nublados. Mas tentava encontrar algo de bonito nestes dias para se sentir feliz. Sabia que a chuva era importante para toda a natureza, que lavava o mundo e fazia nascer ideias novas. Sempre que as primeiras gotas caíam, ela abria o Pintarolas com cuidado, fazendo-o sentir-se importante, útil, feliz. O som das gotas a bater-lhe no tecido era música, uma simples sinfonia de cumplicidade: Alice e ele. Foram muitos meses de alegre convivência. Aquela ligação entre pessoa e objeto preenchia os dias que eram repletos de brincadeiras, jogos e lutas.

Mas um dia tudo mudou.

Foi numa tarde de inverno, quando o vento parecia zangado com o mundo.

O céu ficou pesado, a rua encheu-se de sombras e Alice começou a apressar o passo cheia de medo de não conseguir chegar a casa antes da chuvada que se avizinhava. Mas não conseguiu... de repente, levantou-se uma rajada forte, e o Pintarolas, ainda aberto, voou-lhe das mãos. O vento era bruto, impiedoso e virou-o do avesso.

Alice tentava segurar o chapéu, mas o vento queria arrancar-lho impiedosamente da mão. Mais uma forte rajada de vento e Alice foi empurrada para o meio da rua. Neste instante, a mão dela não mais conseguiu segurar o Pintarolas. E ele caiu no chão entre a lama e as poças, completamente encharcado.

— Oh, não! — gritou Alice, tentando alcançar o Pintarolas. O vento continuava forte e empurrou-o para longe. Pintarolas deixou de ouvir a voz da sua dona. Ele ficou deitado no chão da calçada e viu-a afastar-se. O vento levou-lhe as palavras, e a chuva apagou-lhe o brilho. Sentiu-se pequeno, inútil e partido. A partir desse dia, o som da chuva deixou de ser músico para ele. Em vez disso, tornou-se num som de um tambor de medo, num eco frio que o fazia tremer.

Depois daquela tempestade terrível, o mundo ficou em silêncio. O vento, já cansado, afastava-se devagar.

Durante dias, o pequeno guarda-chuva ficou ali, esquecido, a olhar para o céu cinzento que lhe roubara a coragem. A chuva vinha e ia, e ele já não sabia se era dia ou noite. As pessoas passavam, apressadas, desviando-se dele.

Até que, uma manhã, apareceu um homem de mãos bondosas e olhos de quem via valor nas coisas gastas. Alfredo, dono da Loja das Memórias, um lugar onde iam parar objetos perdidos, partidos ou cansados do mundo, olhou para ele.

Trazia um carrinho de madeira onde guardava tudo o que encontrava: relógios sem ponteiros, bonecas sem roupa, livros sem capa, entre muitas outras coisas... Quando viu o Pintarolas ali, no chão, parou.

— Ora bem... — murmurou, abaixando-se. — Um guarda-chuva verde com bolinhas encarnadas e um cabo em forma de coração. Quem é que te deixou aqui, sozinho, rapaz?

Pegou nele com cuidado, sacudindo o excesso de água. Pintarolas, meio adormecido de cansaço, sentiu o toque quente das mãos humanas e, por um instante, acreditou que talvez não estivesse completamente esquecido.

O Sr. Alfredo levou-o para a loja, colocou-o aberto sobre uma mesa junto a uma lamparina e passou-lhe um pano seco, com paciência.

— Vais ficar aqui um tempo, está bem? — disse-lhe, sorrindo. — Nesta loja, ninguém é lixo. Aqui, todos têm uma história...

Quando acordou, o dia nascia. O céu ainda chorava umas últimas gotas, mas eram suaves, quase amigas. O Pintarolas respirou fundo, sentindo o cheiro a madeira velha e o calor tímido daquele estranho lugar.

O passado doía-lhe menos. Já não era uma ferida aberta, mas uma marca leve — como aquelas que o tempo deixa só para lembrar que sobrevivemos.

Sentia-se feliz. Era uma sensação boa: *“Afinal, não é a chuva que me assusta... é o medo de ser deixado para trás.”*

Mas, algures entre o som da chuva e o calor da loja, Pintarolas pressentia que aquela memória não era um fim, era apenas o começo de uma escolha que ainda teria de fazer.



Capítulo XIII

A sua memória tornava-se cada vez mais intensa.

Pintarolas encontrava-se agora debaixo de uma luz suave, amarelada, que lhe acariciava o tecido como um amanhecer gentil. Estava na loja do Sr. Alfredo, o seu novo dono, o seu novo lar.

Pintarolas sentiu que o espaço onde estava era pequeno. As prateleiras eram feitas de madeira escura que subiam quase até ao teto e estavam cobertas de objetos alinhados com precisão: rádios antigos, molduras sem fotografias, lanternas de metal e caixas de música que pareciam suspirar canções adormecidas.

A luz do dia refletia-se na madeira escura, dando ao espaço uma sensação de conforto. As paredes eram cobertas com molduras antigas, cheias de ranhuras e marcas do tempo. A porta de entrada tinha ainda o vidro embaciado da chuva, deixando apenas passar um raio de Sol que aquecia o lugar.

Pintarolas sentiu algo estranho no seu cabo de coração. Um conforto morno, uma segurança que não conhecia há muito tempo. A loja cheirava a madeira polida, chá acabado de fazer e um leve aroma a papel antigo.

O Sr. Alfredo apareceu então, vindo atrás de uma cortina azul. Caminhava devagar, com passos que nunca tinham pressa. Tinha um rosto sereno onde já se viam rugas suaves, mas bem cuidadas, como marcas de histórias do que já viveu. O seu cabelo era grisalho, com alguns fios completamente brancos que brilhavam sob a luz do Sol. Usava uns óculos redondos, que lhe davam ar de um sábio paciente. Tinha uma estatura média e as mãos... as mãos eram surpreendentemente suaves, como se guardassem o dom de tratar coisas frágeis sem nunca as magoar.

— Estás com melhor ar — disse ele sorrindo, olhando para o Pintarolas, como se falasse com um velho amigo.

— Aqui, ninguém fica esquecido. Ficas o tempo que precisares.

A voz do Sr. Alfredo não era alta nem forte, era tranquila, como a voz de quem já viveu muitas intempéries, tempestades emocionais, mas escolheu, mesmo assim, ser gentil. Cada palavra parecia uma manta quentinha. Em alguns momentos, aquela voz fazia lembrar o tom calmo e tranquilo da sua pequena dona, a Alice.

O Pintarolas observou o homem com atenção. Sentiu que aquele lugar era diferente. Ali, ninguém o ia deixar para trás.

Como frequentemente ouvia as conversas do Sr. Alfredo com os seus estimados clientes, percebeu que a “casa” onde estava, que o tinha acolhido, devia ficar numa grande vila, ou pequena cidade, talvez. Não sabia bem, mas, a ver pelos seus habitantes, devia ser acolhedora e familiar, daquelas terras onde toda a gente conhece o padeiro, o merceeiro e cada um dos seus vizinhos. Parecia ser um lugar onde o silêncio sabia bem e o barulho era sempre suave. A loja do Sr. Alfredo encaixava perfeitamente naquele ambiente, porque era calma, protetora, e um abrigo para os objetos esquecidos.

Os dias ali passavam depressa, mas nunca de forma apressada. Havia sempre tempo para cumprimentar alguém na rua, ou para parar e ver a chuva cair sem pressa. Este era o passatempo preferido do Sr. Alfredo quando a loja estava vazia, o pó sacudido e os móveis limpos.

Talvez por isso, quando o Pintarolas entrou ali, ainda meio encharcado e tremido, sentiu algo que nunca tinha sentido desde que perdera a sua dona: o sentido de pertença. Agora pertencia àquele lugar. Como se aquele espaço lhe dissesse “Agora estás seguro. Aqui és lembrado.”

O Sr. Alfredo aproximou-se e colocou o Pintarolas numa prateleira especial, junto à lamparina que lançava uma luz suave.

— Vais ver que um dia a chuva já não te assusta — disse ele, enquanto ajeitava cuidadosamente o cabo em forma de coração.

“Às vezes não é a tempestade que nos assusta, é o medo de ficar sozinho.”, pensava Pintarolas, conformado e feliz. Pela primeira vez em muito tempo, não

sentia o peso do mundo.

E naquele momento percebeu que a loja não era apenas um lugar onde se guardavam objetos esquecidos. Era um lugar onde se curavam histórias.

E talvez fosse agora o tempo de curar a sua. Mas que história era a sua? Que episódio era este que teimava em querer mostrar-se, contando uma história escondida?



Capítulo XIV

Pintarolas levou uns minutos a perceber que não estava na prateleira especial da loja do Sr. Alfredo, nem a ser acariciado pela luz dourada e quentinha da lamparina. Não havia o cheiro acolhedor a papel antigo. Não havia o ranger tranquilo da madeira velha, nem o silêncio quente da Loja das Memórias. Via-se de novo na rua. Havia apenas a rua: fria, húmida e acordada demais.

Estava ali, imóvel, acordado, no chão. Um aperto silencioso instalou-se e vinha para ficar. Tinha o sabor doce do Sr. Alfredo e o perfume suave da Alice. Aquele sentimento aquecia-o, tal como o chá de camomila do Sr. Alfredo nas tardes cinzentas de chuva. Era doce, mas, ao mesmo tempo, doía — como uma ferida aberta no coração. No seu cabo em forma de coração!

Da pastelaria vinha um cheiro a pão quente, o chão estava ligeiramente húmido e um pardal atrevido olhou para ele e disse-lhe:

— Então, companheiro, dormiste cá fora?

Pintarolas ergueu-se devagar, ainda desacreditado por estar ali.

— Oh céus... onde estou eu? — murmurou ele, olhando à sua volta. — Ah, que desilusão enorme! Estou aqui... mas consigo sentir o aroma do chá.

A verdade caiu-lhe em cima como uma gota fria: *tinha mesmo fugido da Loja das Memórias. E agora? Estava sozinho, sem o Guarda-Chuva Castanho a resmungar, sem o Sapato Melodramático, sem a Flauta que tocava notas desafinadas quando o vento passava.* Sentiu o cabo em forma de coração apertar-se.

— Talvez... talvez tenha sido um erro — admitiu, encolhendo-se. — Quem me dera voltar para...

Mas não conseguiu terminar o pensamento.

Uma voz alegre e juvenil cortou o ar:

— Estás aí, encontrei-te!

— Voltaste, que bom!

A menina das galochas amarelas vinha a correr rua abaixo na sua direção, saltitando por todas as poças como se estivesse num campeonato de chapinhar.

Trazia o mesmo casaco vermelho de botões em forma de coração, mas agora tinha um chapéu de lã amarelo. Nas mãos, segurava uma lancheira cor-de-rosa.

— Oláaaa, meu amigo verde! — disse ela, parando mesmo à sua frente, ofegante, mas radiante. — Trouxe-te um *croissant*! Bem... mas não é só para ti é para comermos juntos: eu como, tu assistes! — disse a menina rindo.

O Pintarolas mal teve tempo de processar.

— Mas... tu voltaste mesmo por mim? Eu pensei que... pensei que... — gaguejou ele.



— Claro que sim! — respondeu ela, como se fosse a coisa mais óbvia do universo. — Prometi, não prometi? E eu nunca falho a uma promessa feita a um guarda-chuva especial.

O “coração” do Pintarolas aqueceu-se de orgulho. “Especial”? Ele? Aquele que fugia da chuva como um gato foge de um banho?

A menina ajoelhou-se e abriu-o com cuidado.

— Hoje não vais ficar sozinho — disse ela com um sorriso tão grande que parecia iluminar metade da rua. — Quero levar-te numa aventura! Há um sítio secreto que só eu conheço... e acho que vais adorar.

— Uma aventura? — Pintarolas tremeu. — Mas... está a choviscar outra vez...

A menina deu-lhe uma palmadinha carinhosa no tecido.

— Vá lá, não precisas de ter medo. Eu protejo-te e tu proteges-me a mim. Somos uma equipa, não somos? Eu e tu...

Ele hesitou um segundo. Depois abriu-se, devagar, como quem respira fundo antes de dar o primeiro passo num palco.

— Está bem — disse com coragem recém-descoberta. — Mas se houver flamingos cor-de-rosa, eu exijo aviso prévio.

A menina soltou uma gargalhada tão contagiante que até o pardal que os vigiava fugiu, assustado com tanta alegria e entusiasmo.

E assim, lado a lado — ela a chapinhar e ele a tremer — começaram a caminhar pela rua estreita.

— Então, para onde vamos? — perguntou o Pintarolas, já a sentir-se um pouco aventureiro.

A menina piscou-lhe o olho, misteriosa.

— Para um sítio onde até um guarda-chuva que não gosta de chuva pode descobrir o seu valor.

Pintarolas não fazia ideia do que isso significava, mas o seu cabo em forma de coração vibrou com entusiasmo e receio.

E juntos seguiram pela rua, entre poças de água e promessas. O guarda-chuva que temia a chuva caminhava agora não para fugir, mas para descobrir.

Capítulo XV

O Pintarolas caminhava ao lado da menina das galochas amarelas. As gotas de água já não lhe pareciam inimigas eram antes pequenas notas de música a cair do céu. Ela guiava-o, com a ajuda do vento, como se a própria brisa lhes segurasse as mãos, e juntos desceram pela rua estreita até ao rio, que corria lento, como se estivesse a ouvir a conversa. O céu estava pálido, ainda com lágrimas penduradas nas nuvens, mas já havia uma luz pequenina a tentar romper o céu cinzento.

A menina ia à frente, saltitando e cantando como se o chão fosse o teclado de um piano. O seu casaco vermelho brilhava como uma papoila molhada, e as galochas amarelas deixavam pegadas que mais pareciam raios de Sol pousados no chão. O seu cabelo era de um castanho de outono, longo, ondulado e brilhante. Estava preso por um laço amarelo igual às galochas. O laço no cabelo balançava a cada salto. Tinha sardas espalhadas pelo nariz, como migalhas de estrelas deixadas pelo céu, e um sorriso enorme, do tamanho de uma manhã calma, depois de uma noite de tempestade.

— Esqueci-me de te perguntar... — disse o Pintarolas, com voz curiosa. — Como te chamas?

Ela parou mesmo ali, na beira onde o rio e o passeio se encontravam como antigos amigos. Virou-se para ele. Os olhos grandes e castanhos brilhavam:

— Chamo-me Clara, mas podes chamar-me Clarinha. — disse ela, com a simplicidade bonita de quem não precisa de adornar o nome para ele ser especial — E eu tenho oito anos... oito e meio, na verdade. O meio não se pode esquecer.

Pintarolas sentiu-se mais quente por dentro. Os nomes dão vida às presenças.

Caminharam pelo parque, onde as folhas verdes dançavam com o vento e onde as flores se inclinavam ao vê-los passar. As borboletas pareciam inquietas com tanta alegria e o rio mesmo ali ao lado, murmurava segredos antigos às suas margens.

A menina sentou-se na relva ainda húmida, e encostou-o a si.

— Sabes, antes...eu tinha uma dona. Era linda como a manhã de domingo. Era meiga e tinha as mãos quentinhas. Tinha olhos doces, daqueles que parecem saber o que sentimos mesmo quando nos calamos. Caminhava devagar, como se o tempo tivesse mais tempo ao pé dela. Cheirava a jasmim. Ela segurava-me com dedos quentinhos, com cuidado, como se eu fosse coisa única. E eu sentia-me forte. Sentia-me útil. Sentia-me amado. — a voz do Pintarolas estremeceu — Um dia o vento foi mau. Deitou-me ao chão como uma folha perdida. A minha dona correu atrás de mim eu lembro-me. Tinha lágrimas nos olhos, mas o vento levou-me para longe. E eu fiquei sozinho. A chuva deixou de ser musical. Passou a ser dor.

Uma gota de água escorreu por cima do Pintarolas como se ele estivesse a chorar. A saudade da sua dona, voltou. Clarinha escutou-o, baixou o olhar e confessou baixinho:

— A tua nova dona agora sou eu. Tu e eu: Clarinha e Pintarolas.

O Pintarolas, neste momento, gostaria de ter braços para a poder abraçar.

— Talvez eu possa aprender a ouvir a chuva como memória, e não como medo.

— E eu posso aprender contigo a não fugir dela. Se tu fores corajoso... eu também posso ser. — Clara segurou-o, firme e docemente.

Assim seguiram, lado a lado, pelo jardim e pelo rio. Ele a tremer, mas a avançar, ela a sorrir mesmo com cicatriz no peito. E o mundo parecia mais leve.

Quando voltaram ao ponto inicial onde tudo começara, uma voz conhecida levantou-se no ar, como uma gota de chuva a anunciar a sua presença.

— Clarinha! Aí estás tu! Andei à tua procura por todo o lado!

Que voz era esta? Parecia-lhe familiar...

Alfredo trazia um casaco de lã que cheirava a chá e a madeira antiga. Pintarolas viu nele as mesmas rugas de ternura, uns fios brancos no cabelo e as

mãos quentes e meigas de quem trata bem todos os objetos que recolhe. *Será o Sr. Alfredo da loja das Memórias?* – pensou Pintarolas espantado.

— Avô! — Clara correu até ele, risonha. — Estive a passear com o meu amigo! — e levantou o Pintarolas com orgulho.



Avô? O Sr. Alfredo era o seu avô? Pintarolas olhou para os dois e reconheceu neles o mesmo brilho no olhar, o mesmo calor nas mãos, o mesmo modo cuidadoso de estar no mundo. O seu cabo em forma de coração apertou-se, tão cheio de emoção que quase parecia prestes a partir-se. O Sr. Alfredo olhou-o com uma ternura imensa:

— Este guarda-chuva já viveu muito, minha pequena. Os objetos perdidos são como memórias guardadas, não desaparecem, apenas esperam que alguém as reencontre.

Enquanto os três caminhavam lado a lado de volta à rua estreita, o céu começou a abrir-se devagarinho. As nuvens separaram-se como cortinas a

revelar um palco e uma nesga de luz dourada caiu mesmo sobre eles, como se a manhã tivesse esperado aquele momento para nascer.

O Pintarolas olhou para a Clara e para o Sr. Alfredo. A menina sorriu-lhe.

A rua estendia-se à frente deles como caminho a escrever e o coração do guarda-chuva batia leve, aberto, pronto como quem sabe que algo maior está mesmo ali à beira de acontecer.

Capítulo XVI

A sala de aula cheirava a livros abertos e a lápis afiados. O sol entrava pelas janelas altas, pousando devagar sobre as carteiras riscadas pelo tempo e sobre os cadernos cheios de palavras à espera de nascer. Era a aula de Português.

A professora fechou o manual e pousou-o na secretária. Olhou para os alunos, um a um, com aquele olhar atento de quem escuta antes mesmo de ouvir.

— Como vos disse na aula passada — começou com a voz tranquila — hoje cada um de vocês vai falar sobre um objeto importante para vocês. Um objeto que tenha uma história, uma memória, um significado especial.

Alguns alunos remexeram nas mochilas. Outros sorriram nervosos. Houve quem olhasse para o chão, como se tivesse esquecido algo em casa. Clara sentiu um aperto doce no peito. Ao seu lado, encostado à mochila, estava o Pintarolas.

O guarda-chuva verde alface com bolinhas encarnadas e um cabo em forma de coração brilhava suavemente, parecia diferente ali. Longe da loja, longe da rua, longe da chuva.

— Quem quer começar? — perguntou a professora.

Houve um silêncio avassalador, cheio de respirações contidas. Sentiu o coração acelerar e levantou lentamente a mão.

— Clara?

Ela inclinou a cabeça, levantou-se com cuidado e pegou no Pintarolas como quem pega numa memória viva. Chegou-se à frente e alguns colegas debruçaram-se curiosos.

— É... um guarda-chuva? — murmurou alguém quase num sussurro.

Clara sorriu com ternura.

— É um guarda-chuva, sim. Mas não é só isso.

Respirou fundo por um instante. Vieram-lhe à memória imagens soltas: a chuva a cair na rua estreita, a loja cheia de objetos esquecidos, as mãos quentes do avô, o sorriso da mãe, o som das gotas a bater no tecido verde. Sentiu os olhos a

ficarem húmidos, mas não deixou que as lágrimas caíssem. Ficaram ali, a brilhar, como se guardassem o que não precisava de cair.

— Este guarda-chuva chama-se Pintarolas — A voz saiu firme, embora suave. — Com ele aprendi que os objetos também guardam sentimentos. Que carregam memórias das pessoas que os usaram. E, às vezes, quando pensamos que algo ficou para trás, na verdade está apenas à espera de ser lembrado.

Clarinha falou então de tudo o que tinha vivido com o Pintarolas: da loja cheia de objetos esquecidos, das histórias guardadas no silêncio, das caminhadas à chuva e da forma como aprenderam, juntos, a não ter medo daquilo que dói. Contou também como aquele guarda-chuva, velho por fora, carregava dentro de si memórias de várias gerações.

O silêncio na sala tornou-se profundo.

— Ele ensinou-me a não ter medo daquilo que dói — continuou a apertar ligeiramente o cabo em forma de coração. — E a perceber que cuidar de um objeto é também cuidar das histórias que fazem parte de nós.

A professora observava-a com um sorriso discreto, cheio de orgulho enquanto um colega levantava a mão.



— A minha avó tem uma mala velha — disse — Nunca a usa, mas diz que lá dentro está a infância dela.

Outro acrescentou em alvoroço:

— E eu... tenho um relógio que era do meu pai!

As palavras começaram a circular pela sala, como se a sua história tivesse aberto uma porta invisível. Cada aluno parecia puxar uma memória para fora de si, com cuidado, com respeito e carinho.

Regressou para o seu lugar. Pousou o Pintarolas ao seu lado e passou-lhe a mão pelo tecido verde. As bolinhas encarnadas pareciam mais vivas à luz que entrava pela janela, como se também elas tivessem ouvido a história. O cabo em forma de coração estava morno e Clara sentiu um conforto semelhante a um abraço que não precisa de palavras.

Capítulo XVII

Passaram-se vários anos.

Clara não se cansava de contar a sua história aos seus alunos. Ao mesmo tempo, a sua outra paixão era cuidar, restaurar e preservar o legado deixado pelo seu avô.

A rua estreita continuava a acordar com o mesmo som suave da manhã: o arrastar lento das persianas, o tilintar distante das chávenas, o murmúrio da cidade ainda meio adormecida. As pedras do chão estavam mais gastas, como se o tempo tivesse caminhado sobre elas com cuidado, passo a passo, sem pressa. Algumas lojas tinham fechado, outras tinham mudado de nome, mas uma permanecia exatamente como sempre estivera: “Loja das Memórias”.

A campainha da porta soou com o mesmo timbre delicado de sempre quando a Clara entrou. Já não era a menina das galochas amarelas, mas trazia no olhar o mesmo brilho atento de quem vê valor onde outros não o encontram.

Clara ajeitou o Pintarolas à porta da loja, como se o cumprimentasse. O guarda-chuva verde com bolinhas encarnadas tinha mudado com o tempo, mas conservava a sua essência. O tecido mostrava marcas de muitas chuvas enfrentadas, pequenos remendos feitos com paciência, e o brilho já não era novo. Ainda assim, o cabo em forma de coração permanecia firme, guardando tudo aquilo que vivera. Pousou-o junto ao balcão e percorreu a loja com o olhar.

As prateleiras de madeira escura, os objetos alinhados com cuidado, o cheiro a papel antigo e a histórias que não queriam ser esquecidas. Tudo estava como devia estar.

Ali aprendera que nada é apenas uma coisa. Que cada objeto guarda uma vida, um gesto e uma história.

— Avô... — murmurou, quase num sussurro.

O Sr. Alfredo já não estava ali fisicamente, mas Clara sentia-o em cada detalhe: no pano dobrado com cuidado, na forma como a luz entrava pela janela,

na regra silenciosa que se continuava a cumprir todos os dias — nesta loja, nada é lixo.

Pegou no Pintarolas e abriu-o devagar. O som suave do tecido a esticar-se ecoou pela loja, como um velho amigo a acordar.

Durante todos aqueles anos, o Pintarolas acompanhara-a em muitos momentos: em dias de alegria e em dias de dúvida, em despedidas difíceis, em caminhadas longas sob a chuva, em silêncios que precisavam de abrigo. Nunca falhara. Nunca pedira nada em troca.

Clara passou os dedos pelo cabo em forma de coração e sorriu.

— Sabes... — disse-lhe baixinho — ensinaste-me a ficar. A cuidar. A não deixar nada para trás.

Lá fora, começou a cair uma chuva mansa. Não era tempestade, nem pressa. Era tranquila, quase amiga, daquelas que não assustam, apenas acompanham.

Clara colocou o Pintarolas à entrada da loja, exatamente como o avô costumava fazer com os objetos que ainda tinham histórias para viver.

Nesse momento, uma criança aproximou-se da porta, hesitante, tentando escapar às poças que se formavam na rua.

— Queres entrar? — perguntou Clara com um sorriso sereno.

A criança aproximou-se e ficou perto do guarda-chuva. Riu-se, encantada com as bolinhas encarnadas e o coração brilhante no cabo.

E o Pintarolas sentiu novamente aquilo que aprendera ao longo da sua vida: Não era a chuva que importava, mas o cuidado. Não era o tempo que passava, mas aquilo que ficava.

A campainha voltou a tocar. Outros passos entraram. Outras histórias começavam...

E ali, à porta da Loja das Memórias, o guarda-chuva que um dia teve medo da chuva sentia que tinha cumprido o seu propósito — guardar, proteger e lembrar.

Porque algumas histórias não acabam.
Passam de mão em mão.
Como o amor.
Como as memórias.
E assim, com o Pintarolas de coração cheio,
a história encontrou o seu lugar.



FIM

[illegible]

ESE JOÃO DE DEUS, 2026